

LÍNGUA PORTUGUESA

Palavras que vão e que vêm no uso diário

Enquanto alguns caem em desuso, outros vocábulos ganham evidência

PRISCILLA MUNDIM [REPORTAGEM]
primundim@correiodeuberlandia.com.br

É difícil imaginar que em pleno século 21 um certo fulano apaixonado ia se declarar para uma moça chamando-a de mimosa. No mínimo, a garota pensaria que o interessado estaria insinuando que ela é uma vaca, gorda ou balofa. O problema é que muitos jovens não sabem que a palavra 'mimosa' já foi bastante utilizada em décadas passadas. Significava uma pessoa meiga, gentil, graciosa e en-

cantadora. Estava presente nas bocas de vários galanteadores. O vocábulo continua no dicionário, mas caiu no esquecimento de milhares de brasileiros.

Assim como a mimosa, centenas de outras palavras da língua portuguesa estão em desuso. As mulheres que antes eram formosas, prendadas, regateiras ou prestimosas se tornaram apenas mulheres bonitas, habilitadas ou competentes. Aqueles que antes tinham uma "cinturinha de pilão" se tornaram apenas gostosas ou simplesmente boas, na linguagem dos jovens de hoje em dia. A japona, outro exemplo, se tornou apenas jaqueta. O alpendre já não é mais comum. O lance agora é a varanda ou simplesmente garagem. A penteadeira então, quem diria! Nem faz mais parte

da realidade da criançada deste século. Isso sem falar no antiquíssimo toucador. Espécie de mesa ou cômoda com espelhos e que serve a quem se penteia.

As mudanças na linguagem são bastante comuns. De acordo com especialistas, elas ocorrem porque as gerações vivem em momentos sociais diferentes. "Com o tempo a cultura vai mudando, as instituições e a ideologia também. Atualmente as mulheres, por exemplo, têm uma situação diferente no contexto sociocultural. Aqueles modos de dizer que tinham a ver com a visão de mulher de antigamente deixaram de ser usados aos poucos pela sociedade", explica Luiz Carlos Travaglia, professor de Linguística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras e Linguística da UFU.

OPOSTOS

A linguagem para gerações diferentes

Não é difícil encontrar outras palavras que viraram verdadeiros fantasmas da língua portuguesa. Muitas estão presentes na boca dos idosos e causam verdadeiros arrepios nos mais jovens. É o que ocorre com frequência com Thaís Fernandes Carvalho, 17 anos, neta do aposentado Oclides Fernandes da Silva, 75 anos, conhecido como senhor Nenê. "Se não entendo o que ele falou, peço pra me explicar. Mas, sempre nos entendemos muito bem", conta a jovem. Já o Nenê gosta de ressaltar as dificuldades que enfrenta ao se comunicar com a neta. "Essa menina é atrapalhada. Será que ela é brasileira mesmo?", brinca o aposentado, duvidando da língua utilizada pela jovem.

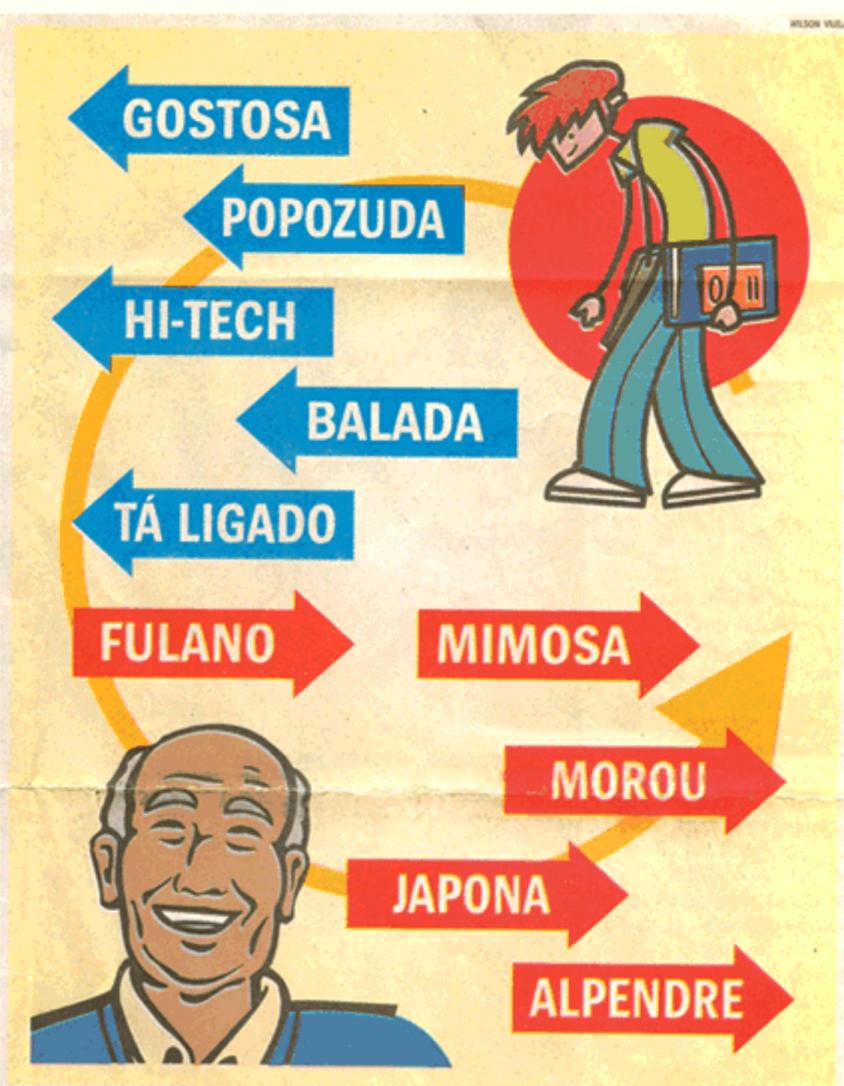
As diferenças entre as duas gerações são marcantes. Na

época do senhor Nenê ninguém "ficava" com ninguém, o que é muito comum entre a moçada de hoje. "Quando eu era moço, a gente apenas espiava as mulheres de longe", lembra senhor Nenê. Foi de lá pra cá que a famosa expressão "fazer a corte" se tomou apenas namorar. O fierte virou azaração. "Ninguém andava de manada, como os moços andam hoje. O mundo mudou demais", complementa Nenê. Mesmo assim, Thaís insiste em ter um modo de conversar com o avô.

A pronúncia de palavras antigas pelos idosos arranca muitas risadas dos mais novos. Entre uma fala e outra, de repente, Nenê solta uns exemplos como "pelejar", "andar de bonde", "acudir" e "chofer" para se referir ao motorista do carro. Outro fato que evidencia realmente as dife-

renças de gerações é quando o aposentado conta sobre o "tirador de retrato" que fez algumas imagens dele durante uma viagem a São Paulo. O "retrato" já deixou de ser usado há alguns anos, cedendo lugar para as fotos.

Em tempo: a expressão andar de bonde significa andar ao lado um do outro. Ela sempre está presente também na boca do taxista Carmo Divino Gomes, 74 anos. Ele nunca se esquece do problema que enfrentou na adolescência por causa disso. "O povo começou a falar que eu teria de me casar com a minha namorada, só porque andei de bonde com ela", lembra. O senhor Carmo apenas tinha caminhado algumas quadras ao lado da moça. E olha que foi bem distante. Nada de mãos dadas!



NEOLOGISMOS

A invasão das palavras

Enquanto algumas palavras estão saindo de fininho da língua portuguesa, outras vêm tomando o espaço deixado. O mundo está abarrotado de novas palavras: os neologismos. Algumas já são bastante conhecidas e outras ainda estão em processo de divulgação. Os jovens são os mais responsáveis pelas inovações que podem ser de um novo sentido, um novo emprego ou uma alteração da forma escrita, como o pelintra. Uma mudança em duas vogais fez o pelintra se tornar pilantra.

As gírias dos jovens são as mais desconhecidas dos idosos. "Meu avô não entende o que é 'dar um role' ou mesmo 'ir para o frevo'. Ele fica perdidinho", conta a estudante Letícia Castanheira Gomes de Oliveira, 17 anos. O aposentado Raul Gomes Pereira, 79 anos, reconhece as dificuldades. "O mundo está muito diferente. Acho que eles conversam em grego. Não conseguimos acompanhar desse jeito, principalmente se o assunto é computador", destacou. Nesses casos, a estratégia do Raul é fingir que não está escutando.

REVOLUÇÃO SOCIAL

Surgem novos significados

A evolução das relações entre homens e mulheres rende muitas lembranças de palavras que se perderam ao longo do tempo. Enquanto várias caíram no desuso, outras ganharam novos significados. É o caso do vocábulo "casamento" que não tem o mesmo sentido de antigamente. "Há 50 anos quem estava casado tinha necessariamente passado por uma cerimônia religiosa ou civil. Hoje, basta um compromisso firme para se dizer que está casado com alguém", ressalta Luiz Carlos Travaglia. A explicação para esse caso é bastante simples. Segundo o professor, a palavra casamento mudou um pouco de sentido porque as pessoas passaram a ver o mundo de forma diferente. Isso tudo influenciou na formação discursiva e consequentemente na regularidade que indicava a palavra dentro da língua portuguesa.

Existem diversos fatores que determinam essas mudanças das palavras. A idade e a classe soci-

al que a pessoa pertence são dois pontos cruciais. "Nossos pais usam a língua de uma maneira diferente. O ser humano tende a fixar a linguagem até a juventude, antes dos 20 anos", explica o professor. Além desses fatores é importante ressaltar também as influências exercidas pelo sexo e pela região na qual a pessoa vive. "O gaúcho, por exemplo, tem expressões típicas. Assim como o nordestino e os mineiros", complementa o especialista.

Outra questão que contribui para dificultar a comunicação entre os mais velhos e os mais jovens é o fato de que os idosos tendem a usar mais provérbios durante a fala. O senhor Nenê adora um ditado. O mais comum utilizado por ele é o ditado que serve de conselhos para as netas. "Sempre digo que as moças de hoje quando se casam estão mais mastigadas do que galinha em boca de jibóia. Os pais não conseguem mais acudir os filhos. Elas precisam ser valorizadas", disse.